



ADIMB

**Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro**

Clipping n° 11/2023

**O conteúdo das matérias é de inteira
responsabilidade
dos meios de origem.**

15 de março de 2023

“Precisamos aprender a investir nas nossas próprias riquezas”

Por Tomás de Paula Pessoa Filho

Por que não temos uma bolsa de valores de capital de risco para investir na mineração?

Por mais um ano, fiz parte da Delegação Brasileira no PDAC, que é o congresso da associação das empresas de prospecção e desenvolvimento de mineração do Canadá, o maior evento do setor no mundo. É um evento completo, que congrega as empresas de mineração, os investidores, os prestadores de serviço, os países com riquezas naturais, reunindo todos num mesmo ambiente para desenvolver a mineração no mundo.

O que me chamou muita atenção, especialmente durante o "Brazilian Day", foi a disposição dos estrangeiros de arriscar seu capital, financiando empresas que têm projetos em desenvolvimento no Brasil. Um dos momentos mais simbólicos da programação é a participação na abertura do pregão da Bolsa de Valores de Toronto (TSX), que é tradicional investidora no setor de mineração, inclusive no Brasil.

A partir desse momento, comecei a me perguntar: por que não temos uma bolsa de valores de capital de risco para investir na mineração das nossas próprias riquezas naturais? Por que os canadenses arriscam seu dinheiro em empresas que vão para o Brasil em busca de um projeto viável e quando acertam (imaginem que só 1 em 1.000 dá certo) eles recebem todo o prêmio, porém de volta lá no país deles?

Essa lógica, dessa forma, faz com que o bônus pelo sucesso dos projetos seja utilizado nas economias dos países que se dispõem a financiá-los. E o Brasil se beneficia? Claro! Recebemos investimentos que permitem gerar empregos, contratar serviços, arrecadar tributos e converter em recursos financeiros as nossas riquezas encrustadas no nosso subsolo. Isso tudo é ótimo, mas podia ser ainda melhor se os lucros, resultantes disso tudo, no lugar de saírem do Brasil para enriquecer ainda mais cidadãos de outros lugares do mundo, que vão usar esse dinheiro movimentando a economia dos seus países, fosse distribuído para brasileiros que comprariam carros, apartamentos, fariam viagens, comprariam presentes e investiriam em novos projetos, sabe onde? Aqui mesmo, no nosso próprio país.

Tomás de Paula Pessoa Filho é Advogado especialista em Direito Empresarial e em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria. Ex-diretor da Agência Nacional de Mineração

Fonte: Brasil Mineral

Data: 13/03/2023

Jaguar Mining e UERJ reforçam parceria de pesquisas científicas em geologia na mineração de ouro

A Jaguar Mining acaba de assinar um termo para a continuidade de uma parceria com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), estabelecida em 2019, para aprofundar suas pesquisas em geologia. O objetivo do trabalho, que nesta etapa será conduzido pela professora Doutora de Geologia Econômica da UERJ, Mariana Brando Soares, e especialistas da área de Geologia e Exploração da empresa, é buscar conhecimento geológico e geometalúrgico para os atuais e futuros projetos de extração de ouro conduzidos pela Jaguar.

A Jaguar já mantém há alguns anos em seu quadro pesquisadores via consultoria, e sempre se manteve aberta a apoiar professores e alunos de universidades na realização de trabalhos finais de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Segundo a geóloga e professora Doutora da UERJ, com o seu grupo de pesquisa, em especial, a companhia tem contato desde 2019 por meio da disponibilização de dados geológicos, visitas de campo e às unidades da empresa, além da realização de workshops e co-orientações. Desde o início da parceria, quatro trabalhos entre graduação e mestrado já foram concluídos. Atualmente, um total de sete pesquisas estão em andamento nos cursos de graduação, mestrado e doutorado.

Para o Coordenador de Geologia de Exploração da Jaguar Mining, Vitor D. Silveira, parcerias como essa para a empresa são de extrema relevância. Segundo ele, quanto mais conhecimento científico a companhia tiver sobre suas minas, maiores serão as possibilidades de sucesso nos empreendimentos.

“As parcerias com centros de excelência acadêmica, como a área de Geologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, nos permitem entender e melhorar nossas mineralizações, de acordo com a idade geológica do depósito, a estrutura em que está encaixada, qual tipo de fluido mineralizante. Além disso, conseguimos aprimorar processos de pesquisa e amostragem, olhar de outra forma nossos corpos de minério e também buscar novas oportunidades de descobertas de jazidas, dentro e fora das minas que já exploramos”, pontua.

Fortalecimento entre academia e operações in loco

Na visão da Dra. Mariana Brando Soares, esse tipo de parceria é fundamental para o desenvolvimento do conhecimento da geologia em território nacional, ampliando a capacitação de professores e a formação de alunos, à medida em que os coloca em contato com a indústria e com problemáticas de cunho prático.

“A parceria entre universidades e a iniciativa privada na área da geologia é muito mais explorada em outros países, mas o Brasil tem grande potencial para desenvolver estudos de relevante interesse de ambas as partes. Ainda há uma forte atuação da academia com empresas do ramo de óleo e gás, e na mineração isso vem crescendo. A universidade precisa de acesso a dados científicos de qualidade e a empresa, de respostas mais detalhadas que não são possíveis de serem alcançadas pelos colaboradores dentro de sua carga horária. Então, é um ganho de ambas as partes”, acrescenta a professora.

Dinâmica das pesquisas

A dinâmica das pesquisas realizadas dentro da Jaguar Mining por pesquisadores, professores ou alunos, depende das características e dos objetivos da pesquisa a ser realizada. Geralmente ocorrem de três formas: 1) coleta de dados em campo com a visita de locais de interesse; 2) coleta de dados em testemunhos de sondagem com visitas aos galpões de descrição de testemunhos; 3) trabalho remoto com dados já coletados.

Em processos como o da UERJ ou semelhantes, a Jaguar Mining disponibiliza todo o seu banco de dados nas áreas de pesquisa e depósitos minerais, que envolve dados geológicos de campo, mapas, dados de furos de sonda, análises químicas multielementares, levantamentos geofísicos de detalhe, modelos de mineralizações e modelos geológicos. Em contrapartida, recebe os estudos científicos acadêmicos de ponta, agregando conhecimento e melhorando vários processos na cadeia de serviços técnicos e produção de ouro. Para manter a integridade da relação, é firmado contrato de confidencialidade dos dados, restringindo a distribuição e divulgação dos mesmos.

Sobre a Jaguar Mining

A Jaguar Mining é uma empresa brasileira de mineração, de capital estrangeiro com foco na exploração de ouro na região do Quadrilátero Ferrífero (Minas Gerais) e foco no desenvolvimento sustentável local. Suas unidades incluem o Complexo de Minas de Ouro Turmalina (Conceição do Pará) e o Complexo de Minas de Ouro Caeté – CCA (minas de Pilar e Roça Grande e a planta de processamento de minério de Caeté). A Jaguar também é proprietária do Complexo da Mina de Ouro Paciência, que se encontra em manutenção desde 2012.

Fonte: Minera Brasil

Data: 13/03/2023

Bahia investe em soluções para fertilizantes

A Bahia está se destacando quando o assunto é investimento na área de fertilizantes. No último mês dois anúncios de investimentos da Galvani mostram a importância que o estado tem no setor. De acordo com informações da empresa, a curto e médio prazos a previsão é de investimentos de mais de R\$ 600 milhões em projetos situados no Estado da Bahia. São cerca de R\$ 300 milhões em Irecê, R\$ 260 milhões em Luís Eduardo Magalhães e mais, aproximadamente, R\$ 50 milhões em projetos na região de Campo Alegre de Lourdes (BA) e Caracol (PI).

Em fevereiro, executivos da Galvani reuniram-se com a diretoria da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), que possui os direitos minerários da área localizada em Irecê. No encontro, foram discutidos os avanços para a implementação da nova fase do projeto, que, atualmente, está em fase de licenciamento ambiental e desenvolvimento de rota tecnológica.

Para o presidente da CBPM, Antonio Carlos Tramm, o projeto é essencial para a redução da dependência brasileira da importação de fertilizantes. “Nos últimos anos, ficou muito evidente o quanto a dependência de fertilizantes importados, em especial o NPK (nitrogênio, fósforo e potássio) que onera e dificulta a produção agrícola brasileira. Precisamos investir na produção desses insumos e também em alternativas a exemplo do uso dos resíduos da mineração que vem se tornando promissor dia após dia”, enfatiza Tramm.

Resíduos da mineração na agricultura

Além do investimento na produção dos fertilizantes tradicionais, a mineração baiana também está se destacando ao estudar o aproveitamento dos seus resíduos, que em alguns casos podem ser utilizados na agricultura. A CBPM assumiu o compromisso de participar de um plano de governança da gestão de resíduos minerais que está sendo desenvolvido pelo Governo da Bahia, através de uma comissão formada pela própria CBPM e secretarias de Estado como as de Planejamento e Desenvolvimento Econômico.

O documento será um instrumento para ajudar a criação de uma cadeia produtiva para a mineração colocando a economia baiana num caminho de crescimento, atendendo, ainda, a parâmetros de sustentabilidade ambiental e inclusão social.

Para Frederico Bernardez, diretor-presidente da ABREFEN (Associação Brasileira dos Produtores de Remineralizadores de Solo e Fertilizantes Naturais), a Bahia tem grande potencial para expandir a produção e o consumo dos remineralizadores de solo, porque está entre os maiores estados mineradores do país, com diferentes produtos e potenciais subprodutos. Além disso, também tem forte setor agropecuário:

“O Brasil é pioneiro nesta tecnologia e possui os maiores estudiosos neste tema. O uso dos remineralizadores promove a redução de custos tanto para os produtores como para o consumidor final”.

Fonte: InTheMine

Data: 13/03/2023



SGB disponibiliza publicação sobre potencial do Brasil

O documento traz um panorama dos recursos e reservas disponíveis no País de minerais estratégicos.

Com o objetivo de disponibilizar informações sobre o potencial brasileiro dos chamados minerais críticos, que são estratégicos para a transição energética demandada pelo combate às mudanças climáticas (tais como cobre, grafita, lítio, níquel, Elementos de Terras Raras) ou daqueles necessários para a segurança alimentar (como fosfato e potássio), o Serviço Geológico do Brasil (SGB) está disponibilizando aos interessados uma publicação elaborada por pesquisadores em Geociências da instituição.

O documento, que traz um panorama dos recursos e reservas disponíveis no País, ou têm potencial de exploração comprovado, foi apresentado nesta semana durante o maior evento sobre prospecção mineral do mundo, o PDAC 2023 - Prospectors and Developers Association of Canada, que ocorreu em Toronto entre 5 e 8 de março.

A publicação, denominada “An Overview of Critical Minerals Potential of Brazil” (ou Uma Visão Geral do Potencial de Minerais Críticos do Brasil, em português), contém mapas com a localização dos depósitos minerais críticos para transição energética e segurança alimentar. Além disso, o SGB disponibiliza outras informações, como empresas que operam os depósitos, recursos disponíveis, capacidade de produção, valores investidos, montante a ser arrecadado com impostos e as projeções para geração de empregos.

“É a primeira vez que a gente prepara um material desta natureza, sobre o potencial desses minerais no Brasil, para o PDAC. A gente mostra a localização do depósito, contextualização geológica e tipos de depósitos”, explicou o chefe da Divisão de Geologia Econômica (DIGECO) da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM) do SGB, Guilherme Ferreira.

De acordo com o SGB, as informações disponibilizadas, direcionadas especialmente a investidores, “mostram que o Brasil tem uma grande diversidade de recursos minerais ainda a serem explorados, atendendo, sobretudo, a demanda gerada pela transição energética, que consiste na mudança de uma matriz de combustíveis fósseis para o uso de fontes com baixa emissão de carbono. Essa é, também, uma oportunidade para impulsionar toda a cadeia produtiva desses materiais e desenvolver o país”.

Para o chefe chefe do Departamento de Recursos Minerais (DEREM) do SGB, Marcelo Esteves Almeida, "O Brasil tem um potencial imenso, e que se realizado, pode nos tornar players globais em todas essas commodities". O documento completo pode ser acessado no site sgb.gov.br/pdac.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 09/03/2023

Diário do Nordeste

Com platina e ouro, Ceará é destaque no maior evento de mineração do mundo

O setor de mineração do Ceará vive expectativa de ampliação de investimentos. Projetos importantes foram debatidos no PDAC 2023, principal evento de mineração do mundo, que reuniu empresários, investidores e gestores públicos em Toronto, no Canadá, na semana passada.

A ValOre, do grupo Discovery, projeta avanço dos investimentos na pesquisa de platina no Estado e a ampliação da presença da companhia no Brasil. A previsão é que sejam injetados mais US\$ 5 milhões em sondagens para o projeto da empresa que fica em Pedra Branca, com mais de 38 mil hectares.

O Discovery Group é formado por várias empresas de capital aberto com ações na Bolsa de Toronto (TSX), com mais de 20 projetos por todo o mundo. As empresas do conglomerado têm um valor de mercado de mais de 2 bilhões de dólares canadenses.

POLO DE MINERAÇÃO

"O Ceará precisa ser percebido como um polo de mineração. É preciso conhecer o ambiente geológico de forma mais aprofundada. O setor tem capacidade de gerar desenvolvimento e milhares de empregos nas regiões mais afastadas do interior do nosso Estado. Os investimentos que têm sido feitos, por iniciativa do próprio mercado mundial, tem sido negociados com base em projetos com mais de 30 anos de estudos, os quais são desconhecidos localmente", afirma o advogado Tomás de Paula Pessoa Filho, que participou de reuniões estratégicas no evento. Ele é membro da Comissão Nacional de Direito da Mineração da OAB e ex-Diretor da Agência Nacional de Mineração.

Segundo ele, outro empreendimento que pode avançar é o da canadense South Atlantic Gold, que possui um projeto para exploração de ouro em Pedra Branca.

"A mineradora está buscando uma sinergia com os outros projetos que existem naquela região a fim de potencializar o conhecimento e impactar nas reservas", diz Tomás.

Fonte: Diário do Nordeste

Data: 14/03/2023

ANM promete flexibilizar prazo para pesquisa mineral

O Diretor-Geral da ANM, Mauro Sousa, afirmou que o Brasil não pode ter uma agência de regulação que regula com base apenas no que está posto hoje no código de mineração, que é de 1967. “Precisamos ter presentes a possibilidade de aplicação de outras normas para que possamos lidar com esse ordenamento de forma mais completa e sistêmica.”

Além disso, o diretor comentou que a ANM está promovendo uma série de mudanças que possibilitará a agência disponibilizar cerca de 50 mil áreas que hoje estão no acervo da entidade. “A nossa regulação tem que ser adequada e suficiente para viabilizar negócios e não criar óbices e dificuldades,” ressaltou. Entre as ações de governo para incentivar o investimento na área mineral, Sousa destacou a mudança recente na legislação para possibilitar a utilização do título mineral como garantia de financiamento do projeto de mineração desde a fase da pesquisa mineral. “A criação desse instrumento financeiro será muito importante para alavancar o nível de pesquisa mineral no país que ainda é muito tímido.”

O diretor-geral da ANM também disse que vai baixar uma resolução para flexibilizar o prazo da pesquisa mineral, que poderá ser ampliado para além de quatro anos, conforme a necessidade do investidor. “Será uma regulação mais modulada que vai respeitar tempos, prazos, tipos de ocorrência mineral, e as peculiaridades em cada caso. O nível de tratamento não pode ser idêntico para situações excepcionais que requerem uma atenção diferenciada,” salientou. Outro ponto é a alteração normativa que vai flexibilizar a comercialização de lítio no Brasil; e a mudança na legislação que vai permitir empresas privadas se associarem a estatal Nuclebrás para investir em pesquisa mineral na área nuclear. “Essa é uma questão que é fundamental dentro da discussão sobre transição energética porque a produção de energia a partir da fonte nuclear é considerada uma energia limpa”.

Em outro painel, o superintendente de Regulação Econômica e Governança Regulatória da ANM, Yuri Moraes, destacou a norma recentemente aprovada que regulamentou o requerimento eletrônico de pesquisa mineral. Se não houver restrições à área requerida, o investidor poderá ter o pedido aprovado em 34 dias, em um processo todo automatizado. “Foi um importante passo da agência para dar celeridade na obtenção dos alvarás de pesquisa,” afirmou. Pelo lado do conhecimento geológico, o Assessor na Diretoria de Geologia e Recursos Minerais do Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), Gilmar Rizzotto, comentou que o órgão está aprofundando a pesquisa nas principais províncias minerais do país. “Estamos priorizando áreas onde já se sabe que existe determinados bens minerais, e, portanto, não requerem conhecimento geológico básico.” O programa de pesquisa inclui mapeamentos geológicos e geofísicos em um cenário até 2040, com o foco maior nas províncias localizadas na Amazonia Legal, como Carajás, Tapajós e Borborema. O objetivo é fomentar a exploração de minerais estratégicos no país, como cobre, urânio, lítio, grafita, e cobalto, para atender a crescente demanda mundial.

O SGB também levará a leilão cinco áreas com pesquisa mineral detalhada, entre as quais estão incluídos depósitos de ouro no Tocantins, diamante na Bahia, calcário e caulim no Pará, e fosfato na Paraíba e Pernambuco.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 15/03/2023



Fusões e aquisições somam US\$ 88,2 bilhões em 2022

O setor de mineração e metais registrou um total de 288 fusões e aquisições, totalizando US\$ 88,2 bilhões em 2022. Houve uma queda de 2% na atividade líquida em comparação com 2021 por causa do desempenho mais fraco no início do ano. Entretanto, o setor conseguiu superar a atividade agregada global de M&A, que caiu 34% no valor de negócio entre os dois anos.

Em janeiro de 2023, o FMI reviu as perspectivas de crescimento para o PIB mundial, de 2,7% para 2,9%, graças à demanda do consumidor e dos mercados de trabalho nos Estados Unidos e Europa. A expectativa é de que o próximo ano tenha um crescimento de 3,1%, ainda abaixo da média histórica de 3,8%, devido às altas taxas de juros, dólar forte e risco de recessão em mercados emergentes.

A mineração e os metais devem continuar em alta por causa do avanço das empresas em busca da transição energética, o que proporciona uma grande procura por cobre, níquel, lítio, cobalto e outros minerais críticos. O objetivo é aumentar a integração vertical entre os mineradores e seus usuários finais, além das metas de cumprimento e investimentos rumo à descarbonização para eliminar as emissões. O mercado em geral tem procurado fechar mais acordos para aumentar suas carteiras de cobre com a expectativa de que as demandas de longo prazo permaneçam em alta devido à elevada demanda de cobre para a produção de veículos elétricos, baterias, unidades de energia eólica e solar, fiação para eletrificação e descarbonização em geral.

Um dos negócios é a aquisição de 49% da Turquoise Hill pela Rio Tinto, por US\$ 3,3 bilhões, o que permite à mineradora deter 66% na Oyu Tolgoi, um depósito de cobre e ouro na Mongólia. O projeto é acessível e a questão logística (ferroviária e rodoviária) diretamente do país asiático até a China é uma vantagem competitiva.

Por outro lado, a volatilidade no preço do cobre continua a ser um risco para as mineradoras que querem adquirir novos projetos à medida que as taxas de juros crescem. Custos altos de empréstimos e desacordos sobre a avaliação de ativos de cobre comprometem o avanço de fusões e aquisições relacionadas ao cobre em 2023. Outro negócio destacado é a aquisição da Yamana Gold pela Agnico Eagle Mines e pela Pan American Silver em dinheiro por ações avaliadas em US\$ 4,8 bilhões. Porém, a alienação de 30% da Wandle Holdings Limited na Polyus PJSC por cerca de US\$ 6,6 bilhões, não foi impulsionada por fatores e mercado em 2022.

As mineradoras de metais industriais serão sensíveis a uma queda na demanda em 2023, e isto pode impactar os negócios no segmento. Outras mineradoras buscarão outros acordos para reduzir o riscos, de forma a garantir demanda ou oferta e ainda a cesso a reservas e financiamento para investimentos futuros.

As joint ventures foram uma forma de investimento com bom resultado em 2022. A Ford, Vale e a Huayou Cobalt assinaram um acordo para construir uma planta de refino de níquel de lixiviação ácida de alta pressão (HPAL), próxima de uma mina de níquel, na Indonésia. Já a Ivanhoe Electric obteve investimento de US\$ 126 milhões da mineradora saudita Ma'aden para criação de uma JV e abertura de 48.500 km² de terra na Arábia Saudita para exploração. Empresas que investirem na transição energética estarão mais propensas a se beneficiar, além dos negócios relacionados ao ouro, à medida que mid-caps estão elevando à escala para atrair investidores.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 15/03/2023



Vale abastecerá navio de minério de ferro com energia eólica

A Vale, em parceria com a japonesa Mitsui OSK Lines (MOL), está planejando instalar velas de rotor de energia eólica em um graneleiro de minério de ferro de 200 mil toneladas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

A instalação das velas será feita pela empresa Norsepower Oy e está prevista para ser concluída no primeiro semestre de 2024.

O rotor SailTM da Norsepower é feito de material composto leve e forte e produz empuxo à medida que o vento gera pressão diferencial em torno do rotor giratório durante a navegação.

De acordo com a MOL, a aplicação dessa solução de energia eólica pode reduzir o consumo de combustível e os gases de efeito estufa em cerca de 6 a 10%, juntamente com a tecnologia de otimização de viagens. Além disso, a Vale está implementando outras medidas de redução de emissões. Isso inclui, por exemplo, a utilização de energia renovável e a instalação de usinas solares, como a Sol do Cerrado.

Vale vende CSP para ArcelorMittal

Na semana passada, conforme noticiou o Minera Brasil, a Vale anunciou a venda da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), uma joint venture entre a Vale, as empresas sul-coreanas Dongkuk e Posco, para a ArcelorMittal por US\$ 2,2 bilhões. De acordo com a empresa, a venda faz parte da sua estratégia de simplificação de portfólio. O foco da Vale é oportunidade de crescimento e alocação disciplinada de capital.

Para a ArcelorMittal, a aquisição da CSP oferece sinergias operacionais e financeiras significativas. Além disso, apresentar uma oportunidade para criar um polo de produção de aço de baixo carbono na localização da CSP, capitalizando a ambição do estado do Ceará

Fonte: Minera Brasil

Data: 13/03/2023



Rio Tinto vê perspectivas robustas de curto prazo para o cobre

A perspectiva de curto prazo para o cobre é “bastante saudável”, com os estoques globais tendendo para baixo e as interrupções nas minas tendo corroído a oferta da América Latina, disse o chefe de cobre da Rio Tinto, Bold Baatar, na terça-feira.

“Estamos vendo fundamentos muito bons”, disse ele à Reuters após a abertura da fase subterrânea da mina de cobre Oyu Tolgoi, na Mongólia, que deve ser a quarta maior mina de cobre do mundo quando estiver totalmente operacional.

“Os estoques físicos de estoques de cobre estão em mínimas de vários anos”, disse ele, acrescentando que a demanda por cobre na China é “relativamente forte”.

Os estoques globais de cobre mantidos em armazéns monitorados pela London Metal Exchange (LME) atingiram o menor nível em 17 anos no mês passado, à medida que a economia global ganha força pós-covid 19, enquanto os estoques da Bolsa de Futuros de Xangai caíram nas últimas semanas com a recuperação da demanda sazonal e com a queda dos preços.

O cobre de referência na LME foi negociado em queda de 0,6%, a US\$ 8.876 a tonelada na terça-feira, com um dólar firme, preocupado com o impacto de uma crise bancária nos EUA e com a demanda chinesa não se recuperando tão rapidamente quanto alguns esperavam anteriormente.

Mas o contrato ganhou mais de 5% no acumulado do ano, e cerca de um quarto em relação a meados de julho, quando atingiu seu ponto mais fraco desde o final de 2020. “No geral, na verdade, há uma escassez significativa de cobre em termos do déficit de oferta que está saindo da América Latina e das interrupções que estão acontecendo em países como o Peru.

“Então, no momento, mesmo nas perspectivas de curto prazo, há um quadro de demanda bastante saudável”, disse Baatar.

As minas de cobre no Peru e no Chile foram interrompidas por protestos que bloquearam estradas, afetando a entrada de suprimentos de minas e concentrando a saída de carregamentos.

As principais minas de cobre no Peru, no entanto, estão aumentando a atividade novamente, mostraram dados de energia analisados pela Reuters, potencialmente aumentando a oferta do produtor número 2 do mundo.

Fonte: Minera Brasil

Data: 14/03/2023



MME e Serviço Geológico do Brasil devem impulsionar desenvolvimento de municípios mineradores

Uma parceria firmada pelo Ministério de Minas e Energia (MME) e o Serviço Geológico do Brasil (SGB) com a Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais e do Brasil (AMIG) estimulará, ainda mais, o desenvolvimento do setor mineral no país. Nesta terça-feira (14), representantes das três instituições assinaram um protocolo de intenções que prevê o intercâmbio de dados por meio da Plataforma desenvolvida pelo SGB para Suporte ao Planejamento da Pesquisa e Produção Mineral, a Plataforma P3M. Além disso, o protocolo contempla a realização de pesquisas específicas em temas de interesse mútuo. A assinatura foi realizada em Brasília, na sede do MME, com a participação do ministro Alexandre Silveira, do diretor-presidente do SGB, Cassiano Alves, além da diretoria e membros da AMIG.

Constituída como uma ferramenta colaborativa, a Plataforma P3M faz parte dos projetos estratégicos do SGB conduzidos pela Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM). Entre as suas funcionalidades, permite a integração, sistematização, análise e difusão de conhecimento relacionado à descoberta, avaliação e aproveitamento dos recursos minerais, reunindo uma série de bancos de dados atualizados, fornecidos pelas instituições parceiras do SGB, como é o caso, agora, da AMIG. Desse modo, a P3M oferece subsídios importantes e confiáveis para investimentos, atividades de exploração mineral e também para políticas públicas.

Durante a solenidade, o ministro Alexandre Silveira enfatizou que a ferramenta integra informações geológicas, territoriais e econômicas, sendo um importante meio estratégico que fortalece as ações do Governo Federal que buscam “modernizar ainda mais a mineração nacional”. Silveira ressaltou, ainda, que é preciso “estimular a atividade dentro de critérios objetivos de segurança, sustentabilidade e desenvolvimento econômico, que deve ser sempre diversificado”.

Para o diretor-presidente do SGB, a assinatura do protocolo com a AMIG é um passo significativo, sendo parte das ações pautadas pelo avanço do conhecimento geocientífico para colaborar com o desenvolvimento do país. “O SGB vem há 50 anos gerando e disseminando conhecimento geológico e passa a fazer desse conhecimento um vetor de transformação, de atração de investimentos, de desenvolvimento social e econômico, seja em nível municipal, estadual, regional e federal”, destacou Cassiano Alves

Funcionalidade e dados

A P3M consolida os dados e permite a visualização das informações de forma simplificada, como explica o consultor-técnico especializado do SGB, Marcio Remédio. “A partir da Plataforma, é possível ter maior facilidade de entender o processo industrial, produtivo ou tributário daquele município e como isso impacta diretamente as pessoas. A ferramenta foi elaborada pelo corpo técnico da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais, com a expertise de atuação nos aspectos técnicos da área de recursos minerais e de economia mineral. Integra o banco de dados do SGB, resultado de anos de pesquisa, e de outras instituições. Assim, possibilita que sejam traçados planos e estratégias com mais segurança para um melhor desenvolvimento da atividade minerária, no estado, no país ou mesmo no município”, reforçou.

Os dados e informações obtidas pelo SGB, a partir de estudos, também são disponibilizados na plataforma. O superintendente do SGB em Minas Gerais, Marlon Coutinho, reforçou que há uma série de projetos importantes em curso para aprofundar o conhecimento geológico do território. “Esse conjunto de informações é fundamental para ser a primeira base de investimento, visando a construção do desenvolvimento do país”, enfatizou.

A parceria entre o SGB e a AMIG marca uma nova etapa rumo ao desenvolvimento dos municípios mineradores, segundo avaliou o presidente da Associação, José Fernando Aparecido.

“Eu tenho certeza que vai ser um divisor de águas no conhecimento e na agregação de valor”, afirmou, acrescentando ainda a importância dos estudos do Serviço Geológico do Brasil. “O SGB gera conhecimento através das pesquisas para exploração dos nossos minerais e possibilita desenvolvimento e crescimento econômico para o país”, disse o presidente da AMIG.

Agora, a partir do protocolo assinado, o SGB e a AMIG devem manter a disponibilização mútua de dados, informações, conhecimentos e aprendizados de natureza jurídico-institucional, técnico-científica, socioeconômica e socioambiental referentes a atividades de levantamentos geológicos, prospecção e pesquisa mineral, bem como de lavra, beneficiamento, transformação, transporte e comercialização de bens minerais.

O protocolo também prevê que a promoção e implementação conjunta de estudos e pesquisas específicos, no contexto e atuação do SGB e da AMIG, e que sejam sintonizados com a orientação estratégica de ambas as partes. Os termos do documento assinado hoje também estabelecem a efetivação e aprimoramento dos processos de geração e disseminação de dados, informações, conhecimentos e aprendizados, incluindo a promoção e organização de seminários e cursos de capacitação.

Fonte: SGB/CPRM

Data: 14/03/2023

Brasil pode se tornar potência global em minerais estratégicos

Os stakeholders da indústria de mineração no Brasil estão empenhados em fazer do país uma potência global na produção de minerais estratégicos para a transição energética e segurança alimentar.

Além da produção mundialmente reconhecida de minério de ferro de alta qualidade, o país tem grande potencial em cobre, grafite, lítio, níquel, fosfato, potássio, urânio e elementos de terras raras, por exemplo.

O Brasil está no radar de fundos de investimento globais interessados em explorar o potencial do país em minerais associados à transição energética. De acordo com Miguel Nery, diretor de exploração mineral da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa Mineral (ABPM), além do potencial, há sinais do governo de reforço na regulamentação do setor para atrair mais investimentos.

Como parte desses esforços, funcionários do governo e líderes empresariais apresentaram o potencial do país na maior convenção de exploração e mineração do mundo, a Prospectors & Developers Association of Canada (PDAC 2023), realizada nesta semana em Toronto.

Jazidas de minerais estratégicos

O Serviço Geológico do Brasil (SGB) elaborou um guia contendo mapas com a localização de jazidas minerais críticas para a transição energética e segurança alimentar, vinculadas à produção de fertilizantes. Conforme explicou Guilherme Ferreira, responsável pela área de geologia econômica do SGB, é a primeira vez que preparam um material dessa natureza sobre o potencial desses minerais no Brasil para a PDAC.

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de minério de ferro. A maior parte do minério vai para a China. Agora, o país busca diversificar sua indústria de mineração e atrair investimentos. De acordo com Raul Jungmann, presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), é necessário estabelecer parcerias de capital público e privado para investimentos em mineração. Ele destacou, inclusive, o envolvimento da bolsa de valores, para que o Brasil seja compatível com seu potencial.

O Brasil possui hoje a sétima maior reserva de urânio do mundo. Além disso, está entre os seis maiores países na extração mundial de lítio, além de possuir 22% das reservas mundiais de grafite. O país também é o terceiro maior em termos de reservas de níquel. Se o potencial do Brasil for concretizado, o país poderá se tornar um player global em todas essas commodities.

BH recebe delegação internacional interessada na tecnologia brasileira para a indústria de mineração

Entre os próximos dias 15 e 17 de março, a cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, sedia a Rodada Internacional de Negócios Mineração 2023. Trata-se de uma iniciativa inédita, que reunirá 22 fabricantes brasileiros de máquinas e equipamentos voltados para as indústrias do setor e sete compradores, entre distribuidores, representantes e importadores finais, vindos da Argentina, Chile e Colômbia.

Promovida pelo Programa Brazil Machinery Solutions (BMS) – fruto da parceria entre ApexBrasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos) e ABIMAQ (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos) – a ação tem como foco fomentar a exportação de maquinários, soluções e tecnologias nacionais para todos os processos que envolvem a cadeia de mineração, destacando a qualidade e a competitividade da nossa indústria.

“Além disso, esta é a primeira rodada internacional dedicada ao segmento de mineração. A ação é uma estratégia de diversificação de atuação do BMS junto às empresas deste segmento”, complementa Patrícia Gomes, Diretora de Mercado Externo da ABIMAQ.

A escolha dos países de origem dos compradores internacionais é totalmente estratégica para os membros do programa e participantes da rodada, uma vez que 87% das empresas sinalizaram interesse em se reunir com potenciais compradores do mercado argentino, 91% pelos de origem chilena e 83% pelos colombianos.

É importante destacar que, somente em 2022, as exportações brasileiras de máquinas e equipamentos para a indústria de mineração totalizaram cerca de USD 688 milhões, 25% a mais do que em 2021 (USD 550 milhões). No ranking dos top 10 países que mais importaram do Brasil no último ano, dentro deste contexto, estão Estados Unidos, Argentina, Chile, México, Alemanha, Peru, Colômbia, Paraguai, França e Canadá, na respectiva ordem.

Ainda em 2022, a Argentina totalizou aproximadamente USD 83 milhões em negócios internacionais com as indústrias brasileiras, 48% a mais que em 2021 (USD 56 milhões). O país foi responsável por 12% do total das exportações realizadas pelo Brasil no último ano para esta vertical.

O Chile, por sua vez, importou o equivalente a USD 57,6 milhões em máquinas e equipamentos do Brasil em 2022, representando 8,4% do total das exportações do mercado. Este total de importações é 40% maior do que o alcançado em 2021, quando as negociações atingiram pouco mais de USD 41 milhões.

Entre os três países que fazem parte da delegação de compradores, a Colômbia se destaca por apresentar a maior variação no montante das importações, no comparativo entre 2022 x 2021, com crescimento de 91,8%. No último ano foram cerca de USD 26 milhões, enquanto no anterior o total foi de USD 13,5 milhões. Em relação à sua participação nas exportações realizadas pelo Brasil, o país responde a 3,8% do total para a vertical da mineração.

“Vale mencionar, também, que no mês de abril nós levaremos representantes da indústria nacional de máquinas e equipamentos para a XVII Expomin, o principal evento do setor de mineração da América Latina. Esta será mais uma oportunidade para destacarmos nossos diferenciais, modernidade e capacidade técnica para todo o mundo”, destaca Patrícia.

Fonte: Minera Brasil

Data: 11/03/2023

Vale weighs IPO of metals unit after sale of 10% stake

Vale SA is considering a spinoff or initial public offering of its sprawling base metals business after it completes the sale of a minority stake, according to people familiar with the situation.

The Brazilian mining giant is in talks to sell a 10% stake in the unit and expects final bids in that process to be submitted by mid-April, said one of the people, who asked not to be identified because the deliberations are private. Once the transaction is completed, Vale will likely list the unit or spin it off in 2024, the person said.

The company has approached Mark Cutifani, a former chief executive officer of Anglo American Plc, about becoming chair of the base metals business, the people said. Vale is also considering other options and there's no guarantee Cutifani will be offered the job or accept it, according to the people. There is also no guarantee the listing or spinoff will go ahead, they said.

Vale declined to comment.

Vale, which makes most of its money from iron ore, has spent years trying to unlock what it sees as hidden value within its copper and nickel mines in Canada, Brazil and Indonesia. Demand for the battery metals is set to boom as the world moves away from fossil fuels.

General Motors Co., Mitsui & Co. and Saudi Arabia's Public Investment Fund are weighing offers for the 10% stake, people with knowledge of the matter said earlier. Automakers are among Vale's main clients as they try to secure access to strategically important metals amid a shift to electric vehicles. Vale is already a direct supplier for Tesla Inc. and GM, and it has signed Ford Motor Co. as one of its partners to jointly develop a nickel project in Indonesia.

Cutifani, who left Anglo last year after almost a decade in charge, led the mining company through one of the most tumultuous periods in its more than 100-year history. It was on the brink of collapse in 2015 due to high debt levels and a collapse in commodities prices. He then oversaw a dramatic recovery as prices for many of the products it mines rose to a record, and he positioned Anglo for growth.

Cutifani previously managed Vale's Sudbury operations when he was chief operating officer of Inco Ltd., the Canadian miner acquired by Vale.

Fonte: Mining.com

Data: 15/03/2023

“Lithium OPEC” in South America could drive away investment, says Sigma Lithium CEO

The creation of a lithium cartel in South America could drive away investment, according to Ana Cristina Cabral-Gardner, CEO of Sigma Lithium Resources.

Argentina, Chile, Bolivia and Brazil are analyzing the creation of a group in charge of expanding South America's processing capacity, turning more of their mined lithium into batteries, and tapping into the electric vehicles manufacturing sector.

The group would emulate similar schemes, such as the Organization of the Petroleum Exporting Countries (OPEC), in terms of coordinating production flows, pricing and good practices, representatives of the Argentinean delegation said at the annual PDAC Convention, held this week in Toronto, Canada.

“What I worry about these initiatives is that lithium is not rare. Lithium is abundant and every time producers or actors tried to think of lithium like that, they made strategic mistakes that were costly for these countries,” Cabral-Gardner told MINING.COM.

She said recent examples like Congo and Chile taxing cobalt and lithium have shown that such initiatives can drive away investment and end up “being very nonbenign for the countries.”

“There's plenty of capital chasing lithium. So any exclusionary initiative tends to punish those who are in the initiative because if we end up doing such a thing as an OPEC, it's born out of the assumption that we are the only ones who have it, which is a colossal mistake,” said Cabral-Gardner.

A frenzied rush by EV makers to secure lithium supply over the past two years drove prices for lithium carbonate up more than six-fold and spodumene up nearly ten-fold.

However, looming supply from China, Australia and Chile and slower demand from Chinese manufacturers have brought prices back down.

Goldman Sachs forecasts spot prices of lithium carbonate sinking to \$34,000 a tonne in the next 12 months, from an average of \$53,304 this year.

Cabral-Gardner remains bullish despite the recent drops.

“It's a volume market, not a margin market. Just as iron ore, lithium is abundant, and low-cost producers will do incredibly well,” she said.

“What we are living through in terms of price cycles isn’t related to scarcity. It’s related to an investment gap, which has been closed in 2021, but it’s been built in the supply chain because even though it’s abundant, it takes time to be brought to market because it has a pre-chemical characteristic.”

Sigma is about to start production in April at its Grota do Cirilo mine in Minas Gerais, Brazil.

During this first production phase, Grota do Cirilo is expected to generate up to 270,000 tonnes per year of high purity battery grade lithium concentrate, equal to about 36,700 tonnes per year of lithium carbonate equivalent.

Canada’s TSX Venture Exchange has highlighted Sigma Lithium as one of the top-performing companies in its 2023 Venture 50 list.

Last month, Bloomberg reported that Tesla has been weighing a takeover of the miner.

Fonte: Mining.com

Data: 07/03/2023



EV batteries get some bling

San Francisco-based NDB Inc. recently announced the launching of its Nano Diamond Battery technology.

The solution, which is an atomic voltaic cell for mid and high-power applications, uses diamonds – the hardest known transducer materials – to harvest energy.

In detail, the device generates electricity similarly to solar cells but, instead, uses radiation from radioactive decay instead of sunlight.

It combines an emitter, the NDB T1 transducer, and a collector that forms an ohmic and Schottky contact.

The energetic radiations released from radioactive decay scatter and deposit energy into the transducing elements. The isotope, together with the host, generates electricity on its own.

Several single units are attached to create a stack arrangement. These make a positive and negative contact surface similar to a standard battery system.

“The key principle of DiD is to create multiple independent and protective layers of defence to compensate for any NDB potential human and mechanical failures,” the company’s website states. “The stacks and the source are coated with a layer of polycrystalline diamond (PCD), which is known for being the most thermally conductive material. It also can contain radiation within the device and is the hardest material, twelve times tougher than stainless steel. This makes our product extremely robust and tamperproof.”

In NDB’s view, the technology has the potential to revolutionize the battery industry with a number of advantages over traditional lithium-ion batteries. Some of the notable features include a longer lifespan, durability and higher energy density.

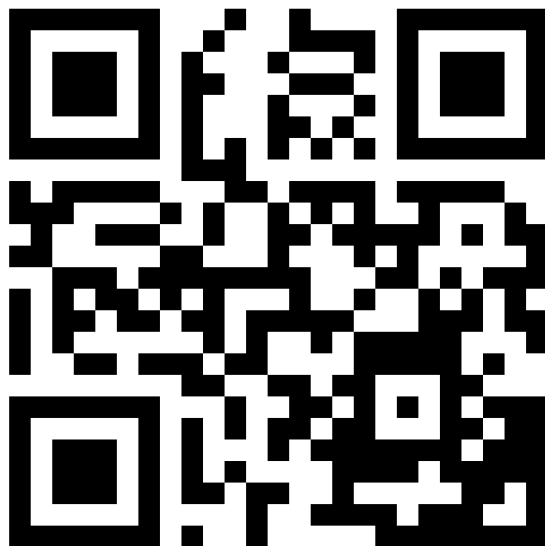
“We are thrilled to be launching our crowdfunding and bringing NDB to the general public,” said Nima Golsharifi, CEO of NDB. “Our technology, which is protected by three pending patent applications, has the potential to change the sustainability and efficiency of the energy industry. It is an industry game-changer, and we are excited to bring it to market with the support of our investors.”

According to Golsharifi, the solution has already received significant interest from various industries, including electric vehicles, renewable energy systems and defence technology companies.

Fonte: Mining.com

Data: 13/03/2023

Nossos Contatos



contato@adimb.org.br



(61) 3326-0759



/company/adimb-oficial



adimb_oficial

Sede

Centro Empresarial Liberty
Mall Torre A, Sala 505
SCN Q.02 Bloco D
CEP : 70712903
Brasília/DF



ADIMB
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro